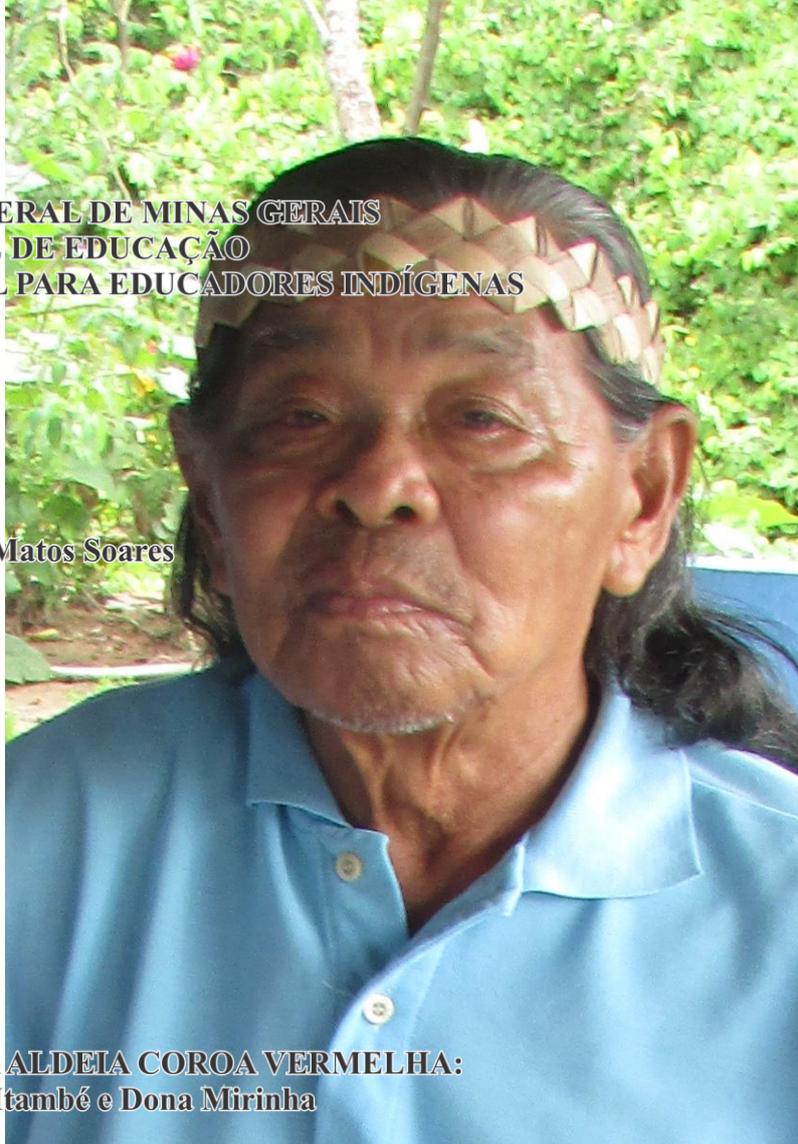


Zilda Matos Soares



**LUTA E RESISTÊNCIA NA ALDEIA COROA VERMELHA:
a história de Seu Itambé e Dona Mirinha**



**Belo Horizonte
2016**

Zilda Matos Soares

**LUTA E RESISTÊNCIA NA ALDEIA COROA VERMELHA:
a história de Seu Itambé e Dona Mirinha**

Percurso Acadêmico apresentado ao Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FIEI/FAE/UFMG) como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Línguas, Artes e Literatura.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Gorete Neto.
Co-orientadora: Profa. Ms. Arissana Braz Bomfim.

Belo Horizonte
2016

Dedico esta conquista, bem como todas as demais conquistas, em especial aos meus pais Manoel Benfica Soares (em memória) e Josefina do Espírito Santo Matos (Dona Mirinha), pois foi através dessas duas jóias preciosas que aprendi a lutar pelos meus sonhos, pelos meus direitos.

Dedico também às minhas duas filhas Raissa Matos Soares e Rafaelle Matos de Assis, que tantas vezes tiveram que ficar longe da minha presença, mas nunca do meu amor.

Sei que infelizmente o meu pai não está mais aqui comigo, porém, sei que as pessoas que amamos nunca nos deixam de verdade, elas estarão sempre em nossos corações! E hoje estou aqui para tentar retribuir um pouquinho de tudo o que o meu pai fez por mim, e que hoje a minha mãe ainda continua fazendo.

Meu muito Awêry (obrigada), amo vocês!

Agradecimentos

Agradeço em primeiro lugar a niamisũ (Deus) por ter iluminado o meu caminho e ter me dado forças e coragem durante toda esta caminhada, pois, sem a fé que tenho em niamisũ eu não seria capaz de realizar mais uma etapa dos meus sonhos.

Não poderia deixar de agradecer aos meus três irmãos Vilma Matos Soares, Gilsa Matos Soares e Gilson Matos Soares por terem acreditado na minha capacidade de concluir esta etapa de minha vida.

Agradeço imensamente com todo amor e carinho, as minhas duas filhas, Raissa Matos Soares e Rafalle Matos de Assis, minha razão de viver, amo muito vocês! Quando iniciei a faculdade, Raissa estava com onze anos de idade e hoje encontra-se com quinze anos e a Rafaelle estava na época com três aninhos de idade e hoje encontra-se com sete anos, hoje percebo o quanto vocês cresceram. Gostaria de agradecer por terem suportado as saudades que tanto doía em seus corações e que também doía no meu coração e que nos fizeram sofrer ao longo desses quatro anos. Sempre quando eu precisava partir em busca de conhecimentos para a minha vida pessoal e também profissional, para que futuramente pudesse dar uma vida melhor para as minhas filhas, ia com o coração apertado, as lágrimas eram inevitáveis, mas em meio a esses sofrimentos, a única certeza que eu tinha quando partia era que o melhor estava por vir, e hoje essa vitória é tanto minha quanto de vocês duas Raissa e Rafaelle.

Ao meu esposo Alex Santos de Assis, meu muito obrigado pela paciência, pelo incentivo, pela força que tem me dado durante todos esses anos, e principalmente por ter cuidado das nossas filhas juntamente com a minha mãe nos momentos em que eu estava ausente. Valeu a pena toda distância, todo sofrimento, hoje estamos colhendo juntos o fruto do nosso empenho.

Agradeço em especial ao meu tio Itambé e a minha mãe Mirinha por terem cedido o seu precioso tempo para que eu fizesse as minhas entrevistas, sem as quais eu não teria conseguido desenvolver o meu trabalho.

Agradeço também aos meus sobrinhos, primos, afilhados, enfim, a todos os meus familiares que de alguma forma me deram forças para a realização desse sonho.

Meus agradecimentos a Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha e a Escola Indígena Pataxó Mata Medonha, na qual fiz o meu estágio.

Agradeço também ao Colégio Estadual Indígena Coroa Vermelha onde desenvolvi o meu trabalho do PIBID Diversidade.

Agradeço também aos caciques e lideranças da minha Aldeia, na pessoa do cacique Zeca Pataxó.

Agradeço ao Conselho Consultivo composto pelas lideranças indígenas das etnias Pataxó da Bahia, Pataxó Hãhãhãe, Pataxó de Minas, Xakriabá e Pankararú, por fazerem parte da vida acadêmica de nós estudantes indígenas da Universidade Federal de Minas Gerais.

Meus agradecimentos ao professor Gilcinei Carvalho que, embora não tenha sido possível dar continuidade como meu orientador no trabalho de percurso por conta de ter que viajar por motivos profissionais, foi muito gentil para comigo.

Agradeço a minha professora Dra. Maria Gorete Neto, como minha orientadora, e agradeço também a minha coorientadora, professora Arissana Braz Bomfim, pela paciência e incentivo nas orientações para que tornasse possível a conclusão deste trabalho.

Agradeço a professora e coordenadora do curso de Licenciatura Intercultural Para Educadores Indígenas (FIEI) professora Dra. Maria Gorete Neto, pelo cuidado, carinho, dedicação e compreensão que nos transmitiu durante essa nossa trajetória na Universidade Federal de Minas Gerais, guardarei eternamente em meu coração esses momentos especiais que passamos juntos com a professora.

Não poderia deixar de agradecer ao Reitor, Dr. Jaime Arturo Ramírez e o Pró-Reitor de graduação, Dr. Ricardo Hiroshi Caldeira Takahashi, e a Diretora e Vice-Diretor da Faculdade de Educação, Dra. Juliana Corrêa e Dr. João Valdir Alves de Souza, que abraçaram a causa indígena abrindo as portas da Universidade Federal de Minas Gerais para os estudantes indígenas, para que os mesmos possam estar se qualificando através de uma educação de melhor qualidade.

Meus sinceros agradecimentos a toda equipe do FIEI, coordenadores, professores, monitores, secretária Luciana e toda equipe administrativa que fizeram parte da minha vida acadêmica.

Meus agradecimentos aos colegas dos cursos das áreas de Ciências Sociais e Humanidades, Matemática e Ciências da Vida e da Natureza. Em especial as minhas colegas Edleuza, Aritana, Rosângela, Maria, Edilande e Valdirene, com as quais criei um vínculo de amizade muito grande durante o período de curso, onde dividimos as nossas alegrias e tristezas. Sei que o meu curso já finalizou, porém, acredito que as nossas amizades permanecerão ainda que seja à distância, pois sentirei muitas saudades de vocês.

Enfim, agradeço imensamente aos meus colegas de turma da área de Línguas, Artes e Literatura, onde aprendemos a conviver com as diferenças de cada um, sempre respeitando

uns aos outros. Tenho o prazer de colocar o nome de cada um dos meus Colegas de turma no meu trabalho, de fato nessa longa jornada todos foram vitoriosos: Aline, Ariane, Cleidiane, Emanilson, Graziane, Heron, Itanajé, Moisés, Sebastian, Silvani, Thiago, Uilding e Vislandes (Pataxó da Bahia); Macari, Tari, Natália, Saniwê e Reudiones (Pataxó de Minas); Luís (Pankararú), Izaque (Guarani); Anézia, Claudinei, Eliane, Eliana, Eudes, Jan Carlos, Luzionira, Regiane e Valdineia (Xakriabá).

Resumo

A história da demarcação da Terra indígena Pataxó, situada no estado da Bahia, contada pelos anciãos Seu Itambé e Dona Mirinha. Os relatos foram obtidos por meio de entrevista desses moradores de Coroa Vermelha, a fim de estabelecer seus protagonismos na luta e resistência para a demarcação da terra, nas histórias de lutas para o reconhecimento da área de Coroa Vermelha como Terra Indígena.

Palavras-chave: Terra Indígena Pataxó; Demarcação Coroa Vermelha; Luta e resistência; Seu Itambé; Dona Mirinha.

Lista de imagens

Imagem 1: Monumento em Coroa Vermelha. Fotografia: Raissa Matos, 2016.	15
Imagem 2: Capela construída no local em que foi celebrada a 1º missa no Brasil. Fotografia: Raissa Matos, 2016.	16
Imagem 3: Cruz de Madeira. Fotografia: Raissa Matos, 2016.	16
Imagem 4: Passarela Indígena. Fotografia: Raissa Matos, 2016.	17
Imagens 5 e 6: Museu Indígena, à esquerda, e Comércio Indígena. Fotografia: Raissa Matos, 2016.	17
Imagem 7: Escritórios de atendimento Comunitário Indígena. Fotografia: Raissa Matos, 2016.	18
Imagem 8: Posto de Atendimento a Saúde Indígena. Fotografia: Raissa Matos, 2016.	18
Imagem 9: Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha. Fotografia: Raissa Matos, 2016.	19
Imagem 10: Escola Estadual Indígena Coroa Vermelha. Fotografia: Raissa Matos, 2016.	20
Imagem 11: Costa do Descobrimento, mapa ilustrado.	20
Imagem 12: Seu Itambé, 2016. Fotografia: Raissa Matos, 2016.	22
Imagem 13: Dona Mirinha, 2016. Fotografia: Raissa Matos, 2016.	23
Imagem 14: Panela de barro “Tibirimã”. Fotografia: Zilda Matos, 2016.	24
Imagem 15: Cópia do Mapa da Aldeia, documento cedido no dia 30 de junho de 2016 pelo cacique Zeca Pataxó [José Valério Silva Matos].	42

Sumário

Introdução.....	10
Capítulo 1 – APRESENTAÇÃO DA ALDEIA E DO TERRITÓRIO INDÍGENA	12
1.1 Território Indígena de Juacema	12
1.2 Aldeia de Coroa Vermelha	14
Capítulo 2 – APRESENTAÇÃO DE ITAMBÉ E MIRINHA.....	21
2.1 A história pessoal de Seu Itambé.....	21
2.2 A história pessoal de dona Mirinha	22
Capítulo 3 – A CHEGADA DE ITAMBÉ E MIRINHA EM COROA VERMELHA.....	24
3.1 A chegada de Seu Itambé e sua vida em Coroa Vermelha.....	24
3.2- A chegada de Dona Mirinha e sua vida em Coroa Vermelha.	29
Capítulo 4 – A LUTA PELA DEMARCAÇÃO DO TERRITÓRIO DE COROA VERMELHA.....	31
4.1 A luta de seu Itambé pela demarcação de Coroa Vermelha.	31
4.2 A resistência de dona Mirinha em Coroa Vermelha.....	34
4.3 Dona Mirinha e Seu Itambé juntos na luta pela terra	39
Capítulo 5 – A DEMARCAÇÃO DO TERRITÓRIO DE COROA VERMELHA E A PARTICIPAÇÃO DE DONA MIRINHA E SEU ITAMBÉ	41
Considerações Finais.....	43
Referências	45

Introdução

O presente trabalho foi elaborado com o objetivo de descrever sobre a história de luta e resistência de dois anciãos da Aldeia Coroa Vermelha: seu Itambé e de dona Mirinha, a partir de suas memórias e histórias. Eles são dois irmãos que tiveram uma participação de muita relevância na formação dessa aldeia.

O interesse de pesquisar sobre esse tema foi porque eu pretendia muito descobrir sobre a fundação da Aldeia de Coroa Vermelha, pois fui crescendo ouvindo os meus pais falarem que a família Matos foi a primeira família a chegar à Coroa Vermelha a partir do ano de 1972. Queria saber se Coroa Vermelha realmente originou-se através da família Matos, família da qual eu, Zilda Matos Soares, faço parte.

Muitas pessoas diziam que já tinham pessoas morando em Coroa Vermelha antes da família Matos chegar, mas segundo a minha mãe e o meu tio Itambé, essas famílias não moravam dentro da área de Coroa Vermelha, e sim nas proximidades de Coroa Vermelha.

Entretanto, não foi simples, a família Matos não chegou e ocupou um espaço em Coroa Vermelha de maneira fácil. Houve uma grande luta para que pudessem conquistar o direito de permanecer na área. E mais tarde, após a permanência, lutar por mais outro objetivo que seria o reconhecimento do Território como um Território Indígena de Coroa Vermelha.

Desse modo, queria mais informações detalhadas sobre essas lutas e conquistas que a minha família passou e obteve ao longo dos anos. E, para coletar essas informações, escolhi entrevistar a minha mãe Mirinha e o meu tio Itambé. Por que eu escolhi os dois para esta pesquisa? Escolhi a minha mãe Mirinha e o meu tio Itambé, não por serem da minha família, mas, por se declararem os primeiros moradores de Coroa Vermelha, e principalmente por serem os protagonistas na luta pela demarcação da terra, história de muitas lutas e sofrimentos que os mesmos passaram durante muitos anos, em busca de um sonho que com certeza todos nós indígenas que vivemos em um Território indígena temos: que é o direito de um dia ver o nosso Território demarcado como área indígena, e de podermos usufruir desse direito. Esse sonho não foi fácil de ser realizado em Coroa Vermelha, houve muitos conflitos durante esse processo pelo reconhecimento da área como Terra Indígena.

Esse trabalho teve um grande diferencial, as histórias foram contadas pelas nossas próprias bibliotecas vivas. Quem são as nossas bibliotecas vivas e por que eu chamei de bibliotecas vivas? Porque para nós indígenas, os nossos mais velhos são considerados como

bibliotecas vivas, cheios de conhecimentos e valores incomparáveis. Sem os registros desses valores e conhecimentos adquiridos por esses nossos mais velhos será impossível às nossas gerações e às gerações futuras ter forças para dar continuidade às trajetórias do nosso povo.

A metodologia que utilizei para esse trabalho foi através de entrevistas coletadas em áudios com a minha mãe Mirinha e com o meu tio Itambé. As entrevistas feitas com o meu tio Itambé foram realizadas na farmácia de ervas medicinais dele, na Praça do Cruzeiro onde foi celebrada a primeira missa no Brasil no dia 26 de abril de 1500. E as entrevistas feitas com a minha mãe foram realizadas na casa dela. As entrevistas foram longas, pois não quis interromper a fala dos mesmos, porque os meus pais me ensinaram que quando um ancião estiver falando, tenho que deixá-lo falar até terminar a sua fala e se eu interromper seria uma falta de educação e principalmente uma falta de respeito para com esse ancião. Foram feitas também pequenas entrevistas com duas funcionárias das duas escolas indígenas, para saber informações da escola de Coroa Vermelha. Foi feita uma entrevista no posto de saúde indígena. Entrevistei também o cacique Zeca Pataxó. Foram feitos alguns registros fotográficos dos entrevistados e de alguns locais principais da Aldeia de Coroa Vermelha. Além das entrevistas utilizei também referências bibliográficas com leituras sobre a Terra de Coroa Vermelha.

O trabalho está organizado em cinco capítulos: no capítulo um, descrevo sobre as duas Aldeias: a Aldeia Coroa Vermelha e a Aldeia Juacema. No capítulo dois, apresento os dois anciãos; Itambé e Mirinha. No capítulo três, escrevo sobre a chegada de Itambé e Mirinha em Coroa Vermelha. No capítulo quatro, abordo sobre a luta pela demarcação do Território de Coroa Vermelha; e, por fim, no quinto capítulo, a demarcação do território de coroa vermelha e a participação de Dona Mirinha e Seu Itambé.

Capítulo 1 – APRESENTAÇÃO DA ALDEIA E DO TERRITÓRIO INDÍGENA

Neste capítulo, apresento Juacema e Coroa Vermelha que fazem parte da história da vida de Seu Itambé e de Dona Mirinha.

1.1 Território Indígena de Juacema

Juacema é um território indígena habitado até meados de 1970, pelos povos indígenas, em sua maioria pataxó. Hoje se encontra vazio em seu âmbito populacional, porém, segundo os antigos, por lá existem memórias e crenças que são vivenciadas até hoje pelos indígenas. Fica localizado no extremo sul da Bahia, distrito de Porto Seguro – BA, próximo a Caraíva.

Segundo a minha mãe Mirinha, na época em que ela morava em Juacema com a sua família, eles consideravam Juacema como um povoado (vila), porque moravam três famílias, duas famílias eram indígenas e a outra não era indígena, as quais eram: a família Matos a qual a minha mãe Mirinha pertence, a família Brito, e a outra família que não era indígena. Quando a família Matos foi embora para Coroa Vermelha, as duas famílias também foram embora de Juacema; a família Brito foi para a Aldeia Mata Medonha, localizada no extremo sul da Bahia, município de Santa Cruz Cabralia – BA, e a outra família, a não indígena, segundo a minha mãe, não se sabe para onde foi essa família.

Em Juacema, não havia escolas, não havia estradas, não havia assistência médica, portanto as pessoas que moravam ali não tiveram a possibilidade de serem alfabetizadas. “A gente tinha de tudo na roça, feijão, milho, ninguém passava fome, a gente só não tinha dinheiro [...] o dinheiro era muito pouquinho, mas, a gente era feliz.” (DONA MIRINHA, 6 jun. 2016).

Também criavam porcos e galinhas. Minha mãe conta que naquela época não era proibido caçar, portanto, a caça também era um meio de subsistência. Quanto à subsistência, a família não tinha do que reclamar, porque na roça de sua família tinha de tudo um pouco, só não tinham renda fixa. Quando precisavam comprar roupas e calçados, eles faziam farinha e matavam porcos e iam vender em Caraíva, porque lá tinha um pequeno comércio onde os moradores dos povoados vizinhos podiam vender os seus produtos. Segundo a minha mãe, os produtos que eles levavam para vender, vendia bem pouco, porque as outras pessoas também cultivavam os mesmos produtos para vender e para o próprio consumo.

Dona Mirinha conta, que a situação da saúde em Juacema era precária, porque na época não tinha estrada, e o único meio de transporte que existia era transporte marítimo, através de barco, mas nem todos tinham barco. Quando alguém ficava doente, era curado lá mesmo em Juacema com remédios do mato (remédios caseiros da medicina tradicional). Só tinha hospital em Porto Seguro, porém, era muito longe, não tinha como levar o doente. Quando as pessoas que moravam em Juacema precisavam resolver alguma situação em Porto Seguro, elas iam caminhando pela praia; era preciso sair de madrugada para chegar à Porto Seguro sem avançar muito pela noite.

Ah! A saúde era difícil, a saúde a gente curava com remédio do mato, não tinha médico, donde a gente morava só tinha médico em Porto Seguro, mas não tinha transporte. Pra vim pra Porto Seguro, a gente saía de lá de manhã cedo, quando dava seis hora da tarde chegava em Porto Seguro, andando. se a gente tavaduate não guentava ir andando, não tinha estrada, não tinha carro, não tinha nada, transporte que tinha só era pelo mar, de barco, aí quando o pessoal adoecia de febre, mamãe fazia banho de folha, dava sumo de mato pra gente. A gente sentia uma dor, tomava sumo de Maria preta, sumo de aruera, sumo de gerbão, a gente se curava lá mesmo com sumo de mato. (DONA MIRINHA, 06 jun. 2016).

Juacema hoje encontra-se sem nenhum habitante. É um lugar considerado de muita relevância para o povo Pataxó do extremo sul da Bahia, através das histórias que os mais velhos contam, principalmente pelas famílias que viveram lá. Dona Mirinha e seu Itambé contam que Juacema é um lugar muito bonito, com uma beleza natural, acompanhada de uma maravilhosa praia e rios, arborizado por coqueirais capazes de encantar qualquer pessoa que o visita.

Segundo Seu Itambé e Dona Mirinha, Juacema é um lugar encantado, os mesmos contam uma história de um filho de um índio que brincava com o filho de um branco, o filho do índio tinha um pássaro chamado de bem-te-vi, e o filho do branco tomou o pássaro do índio, e o índio ficou com muita raiva e foi embora. E em um determinado tempo, o índio voltou com os seus parentes e matou muita gente e destruiu a vila e os restantes que conseguiram sobreviver ficaram encantados. Por isso, hoje é um lugar considerado encantado.

1.2 Aldeia de Coroa Vermelha

A Aldeia Pataxó de Coroa Vermelha fica localizada no município de Santa Cruz Cabrália – Bahia, palco da invasão dos portugueses em 1500. Situa-se em pólo turístico no extremo sul da Bahia, entre Porto Seguro e Belmonte, nos quilômetros 76 a 79 da BR-367.

A luta pela demarcação da terra de Coroa Vermelha inicia-se na década de 1970, sendo demarcada em 1998, com 1.493 hectares. A terra é demarcada e homologada, composta por duas Glebas, A e B; na Gleba A, em área urbana, localiza-se o conjunto Cultural Pataxó e a maioria das habitações da população indígena, com aproximadamente 6.000 indígenas. Na Gleba B, uma parte é desenvolvida a agricultura tradicional Pataxó, e na outra, com 827 hectares de mata Atlântica que fica situada na Reserva da Jaqueira, é onde se realiza um trabalho de preservação ambiental e de práticas das tradições culturais do povo Pataxó, além de atividade de Etnoturismo. (ZECA PATAXÓ, 2015).

Hoje Coroa Vermelha cresceu muito, atualmente é também um bairro da cidade de Santa Cruz Cabrália extremo sul da Bahia, onde está localizada a Aldeia, na qual sempre estivemos em luta para garantir a nossa cultura, tradição e costumes do nosso povo. O povo Pataxó procura usar a sua língua, cultura, costumes, religião e tradições, mas o contato com os não índios fez com que o nosso modo de viver fosse se transformando a cada ano, principalmente com a influência do turismo, chegada de comércios e contatos com novas tecnologias. A luta é grande para preservar a nossa cultura, costumes, tradição, religião, festas e língua, que são as nossas raízes.

As duas escolas da aldeia, a Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha e a Escola Estadual Indígena Coroa Vermelha, vêm executando um papel fundamental no incentivo aos alunos indígenas e à comunidade, por meio de uma educação escolar indígena diferenciada e também específica.

A Aldeia atualmente encontra-se de uma forma bem mais urbanizada, devido a sua localização numa cidade turística e litorânea. Alguns dos indígenas que sobreviviam à base da pesca e do artesanato, ainda continuam, mesmo não tendo uma boa renda, igual tinham há seis anos.

Existem famílias que sobrevivem da agricultura e da pesca, essas famílias têm a oportunidade de trazer as suas verduras, frutas, legumes, farinha e peixes para vender em uma pequena feira em Coroa Vermelha, todo final de semana no dia de sábado. Há outras famílias

que procuram meios diferentes para a subsistência, como trabalhar em hotéis, barracas de praia, pousadas, dentre outras.

No ano de 1998, iniciou-se um trabalho de pesquisas de muita relevância na revitalização da língua Pataxó, o Patxôhã, que é realizado por professores indígenas de Coroa Vermelha e das demais comunidades do extremo sul da Bahia, com o objetivo de buscar a reafirmação e o fortalecimento do povo Pataxó.

A Aldeia Coroa Vermelha, tem uma paisagem maravilhosa, na chegada encontra-se um monumento e ao lado encontram-se algumas lojas de artesanatos indígenas Pataxó.



Imagem 1: Monumento em Coroa Vermelha. Fotografia: Raissa Matos, 2016.

Coroa Vermelha tem uma praia linda, quando a maré está baixa aparece um banco de areia que possibilita o acesso das pessoas ao recife de corais que fica próximo à praia. Há também as cabanas de praia bastante procuradas pelos turistas que visitam a nossa Aldeia, que é arborizada por coqueiros, amendoeiras e outras plantas da própria região.

Ao lado de uma capela, há a Praça do Cruzeiro onde foi celebrada a 1ª missa no Brasil, com um espaço enorme de areia úmida onde são realizadas as apresentações dos jogos indígenas anualmente no mês de abril.



Imagem 2: Capela construída no local em que foi celebrada a 1º missa no Brasil. Fotografia: Raissa Matos, 2016.

Na mesma área, no ano 2000 foi fixada uma grande cruz de bronze, obra do artista plástico baiano Mário Cravo Neto, para as “festas” comemorativas dos 500 anos. Próximo à praia encontra-se também a réplica da cruz de madeira que faz parte da nossa história enquanto povo Pataxó de Coroa Vermelha.



Imagem 3: Cruz de Madeira. Fotografia: Raissa Matos, 2016.

Mais à frente encontra-se o museu e o comércio indígena. No entorno do museu estão construídas várias lojas, acompanhadas de uma passarela na qual os indígenas comercializam seus artesanatos. Essa passarela é conhecida como passarela indígena, que durante todos os anos recebe visitas de turistas tanto do Brasil quanto do exterior, tornando-se um lugar muito procurado por ter uma beleza natural, pois dá acesso à praia de Coroa Vermelha.



Imagem 4: Passarela Indígena. Fotografia: Raissa Matos, 2016.



Imagens 5 e 6: Museu Indígena, à esquerda, e Comércio Indígena. Fotografia: Raissa Matos, 2016.

O período chuvoso em Coroa Vermelha é entre os meses de maio a julho, sua hidrografia é formada pelos rios Jardim, Mutarí e rio Tinga que passam pela Aldeia. Alguns anos atrás podiam utilizar esses rios para lavar roupas, louças e até mesmo como forma de lazer, porém, infelizmente não é mais possível, devido à poluição.

Coroa Vermelha tem um espaço onde estão localizados os escritórios dos caciques e lideranças da Aldeia; cacique Zeca Pataxó e o cacique Aruã, ambos estão para atender as demandas da comunidade, sendo possível o indígena escolher por qual dos dois caciques quer ser atendido.



Imagem 7: Escritórios de atendimento Comunitário Indígena. Fotografia: Raissa Matos, 2015.

Também na mesma área encontram-se o posto de saúde indígena e as duas escolas indígenas, a Escola Pataxó Coroa Vermelha, que atende alunos indígenas do município, e a Escola Estadual Indígena Coroa Vermelha.



Imagem 8: Posto de Atendimento a Saúde Indígena. Fotografia: Raissa Matos, 2016.

Segundo a enfermeira Sra. Jusciara M. Almeida, o posto de atendimento de saúde indígena da Aldeia Coroa Vermelha é composto por uma equipe de profissionais, dentre esses profissionais atualmente encontram-se: três médicos, três enfermeiras e dezessete agentes de saúde. Há também três carros que ficam disponíveis para levar os pacientes indígenas aos hospitais da região, quando os mesmos apresentam um problema de saúde considerado grave. Esses pacientes indígenas são encaminhados pela Secretaria Especial da Saúde Indígena (SESAI) para um dos hospitais das cidades de Porto Seguro – BA, Itabuna – BA e até mesmo para a cidade de Salvador – BA.



Imagem 9: Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha. Fotografia: Raissa Matos, 2016.

A Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha atende aproximadamente 975 alunos indígenas pelo município, dos anos iniciais aos anos finais, da Educação Infantil ao Ensino Fundamental, e o Colégio Estadual Indígena Coroa Vermelha atende atualmente 300 alunos indígenas do 1º ao 3º ano do Ensino Médio.



Imagem 10: Escola Estadual Indígena Coroa Vermelha. Fotografia: Raissa Matos, 2016.

A aldeia de Coroa Vermelha, por ser uma aldeia urbanizada, tem vários pontos comerciais, como: supermercados, padarias, farmácias, lanchonetes, entre outras, devido a grande necessidade da população.

No mapa ilustrado, podemos ver a localização de Coroa Vermelha na chamada Costa do “Descobrimento” bem como o local onde ficava a vila de Juacema.



Imagem 11: Costa do Descobrimento, mapa ilustrado. Disponível em: <<http://www.mochileiros.com/>>. Acesso em: jul. 2016.

Capítulo 2 – APRESENTAÇÃO DE ITAMBÉ E MIRINHA

Neste capítulo, apresento os dois irmãos: Itambé e Mirinha, anciãos da aldeia Coroa Vermelha.

2.1A história pessoal de Seu Itambé

Alberto do Espírito Santo Matos, conhecido como Pajé Itambé, é um ancião da etnia Pataxó da Aldeia Coroa Vermelha, tem 82 anos de idade, nasceu no ano de 1933, filho do senhor Antenor Valério de Matos e da senhora Isabel Borges do Espírito Santo Matos, ambos falecidos. Seu Itambé foi casado com a senhora Maria José da Conceição, nascida em Alcobaça – BA, com a qual teve oito filhos.

Seu Itambé nasceu em Caraíva, um pequeno distrito do município de Porto Seguro, no Estado da Bahia. No entanto, viveu toda a sua infância em Juacema, local próximo a Caraíva e à Aldeia Barra Velha. (Ver imagem 11).

A mãe de seu Itambé teve dezesseis filhos, mas infelizmente por não haver naquela época assistência médica em Juacema, a maioria não sobreviviam, e ainda recém-nascidos iam a óbito. Alguns dos seus filhos chegavam até três anos de idade, mas não resistiam. Contudo, desses dezesseis filhos que a sua mãe teve, restaram cinco filhos, os quais cresceram, constituíram famílias. Porém, atualmente estão vivos apenas seu Itambé e sua irmã Mirinha, a qual tenho orgulho de dizer que é a minha mãe.

Como não existia escola em Juacema, seu Itambé não pode ser alfabetizado, os seus pais o levavam para a roça ainda criança juntamente com os seus irmãos, para ajudar na agricultura, no plantio de mandioca, feijão, milho, dentre outros. Quando seu Itambé se tornou adulto, casou-se e continuou trabalhando na agricultura como um meio de subsistência, além da pesca e da construção de canoas. E no ano de 1972, seu Itambé foi viver em Coroa Vermelha.



Imagem 12: Seu Itambé, 2016. Fotografia: Raissa Matos, 2016.

2.2 A história pessoal de dona Mirinha

Josefina do Espírito Santo Matos, conhecida como Mirinha, é uma anciã da etnia Pataxó, da Aldeia Coroa Vermelha, tem 71 anos de idade, nasceu no dia 10 de setembro de 1944 em Caraíva. No entanto, foi criada em Juacema que fica próxima aos limites da Terra Indígena Pataxó Barra Velha, município de Porto Seguro – BA.

Dona Mirinha é filha do Senhor Antenor Valério Silva Matos e da Senhora Isabel Borges do Espírito Santo Matos, já falecidos, e casou-se com o Senhor Manoel Benfica Soares. Dessa união nasceram cinco filhos, no entanto, um de seus filhos faleceu ainda recém-nascido, era uma menina chamada Maira, a mesma faleceu de pneumonia. E o seu esposo Manoel Benfica Soares faleceu no ano de 1998 de infarto fulminante.

Dona Mirinha conta que, apesar de em Juacema não haver escola para ela estudar, ainda assim, a sua infância foi feliz. Ela foi criada em um ambiente familiar estruturado, no qual não lhe faltava amor, ajudava os seus pais na roça ainda criança, e ela conta que era feliz, porque era comum naquela época a criança ajudar seus pais na roça, devido não haver escola.

Seus pais não deixavam faltar o necessário para ela e para seus irmãos. Quando digo que não deixava faltar o necessário, me refiro à alimentação e ao que vestir, porque segundo Dona Mirinha, a sua família não tinha dinheiro, mas tinha na roça os alimentos para o

sustento da família. Esses alimentos eram muito mais saudáveis do que os de hoje, porque eram alimentos orgânicos, livres de agrotóxicos e com certeza mais saudáveis. Quanto ao que vestir, Dona Mirinha conta que seus pais iam a Caraíva vender os produtos que cultivavam na roça para poder comprar roupas. A vida da Dona Mirinha foi muito proveitosa, segundo a mesma, não teve pressa de se casar e construir uma família, curtiu bastante a vida ao lado de seus pais enquanto jovem, só veio sair da companhia deles quando se casou, quando estava com trinta e um anos de idade. Assim que se casou, teve dois anos depois o primeiro filho, que se chamou Gilson Matos Soares, e a partir daí deu continuidade a sua vida ao lado de sua família e depois que o irmão dela Itambé foi embora para Coroa Vermelha, em seguida a minha mãe Mirinha também se mudou.

Hoje a minha mãe Mirinha é uma anciã e mora em Coroa Vermelha, os seus filhos construíram famílias, tiveram filhos, atualmente tem oito netos, sendo quatro homens e cinco mulheres.



Imagem 13: Dona Mirinha, 2016. Fotografia: Raissa Matos, 2016.

Capítulo 3 – A CHEGADA DE ITAMBÉ E MIRINHA EM COROA VERMELHA

Neste capítulo, relato sobre a chegada de seu Itambé e Dona Mirinha e suas vidas em Coroa Vermelha.

3.1 A chegada de Seu Itambé e sua vida em Coroa Vermelha

Seu Itambé conta que quando ele era criança, os seus pais e seus avós falavam que Coroa Vermelha foi onde começou o Brasil, e na época que os portugueses chegaram ao Território de Coroa Vermelha, já tinha índios vivendo nesse Território.

Segundo Seu Itambé, ele guarda uma prova de que realmente tinha índios morando no Território de Coroa Vermelha antes dos portugueses invadir o nosso Brasil; que é uma panela de barro que seu Itambé tem exposta em sua farmácia de ervas medicinais. Segundo ele, essa panela de barro é conhecida na língua indígena como “Tibirimã”. Ela foi encontrada há trinta e nove anos atrás na beira de um rio enquanto seu Itambé tomava banho.



Imagem 14: Panela de barro “Tibirimã”. Fotografia: Zilda Matos, 2016.

Para seu Itambé, essa panela tem um significado muito relevante, ele diz que não vende essa panela de maneira alguma, porque faz parte da história dele como indígena e morador da Aldeia Coroa Vermelha, além de ser um registro de ocupação anterior.

E pra acabar de confessar a verdade, eu hoje tenho uma peça que achei na beira do rio, que na língua indígena é conhecida como Tibirimã. O que é

Tibirimã? essa panela que foi achada no barranco do rio. Quando Cabral chegou aqui, essa panela já era feita há mais de dez anos, que é essa que tá aqui, é conhecida como Tibirimã, quem fez ela foi os primeiros índios que morava aqui, que era os Tupinambá e Bakirá. (Trecho da entrevista realizada com seu Itambé, dia 15 de julho de 2015 em sua farmácia de ervas medicinais).

No entanto, através das histórias contadas pelos seus pais e avós sobre a Aldeia Coroa Vermelha, seu Itambé foi crescendo com o sonho de um dia conhecer esse lugar chamado de “Coroa Vermelha” até que seu Itambé se tornou adulto e constituir uma família, porém, vivia com a sua esposa, mas não era casado, e a vontade dele era de se casar. No entanto, no povoado no qual o seu Itambé morava denominado de “Juacema”, não tinha recursos suficientes, “cartório, igreja, dentre outros” para seu Itambé se casar. Assim, viajou para a cidade de Porto Seguro.

No Arraial D’ajuda, comemora-se anualmente no dia 15 de agosto, a festa de Nossa Senhora d’ajuda, a padroeira da cidade, era nessa festa da padroeira que Seu Itambé pretendia se casar. Porém, o dinheiro que ele levou não foi suficiente para realizar o casamento.

Seu Itambé contou que teve que voltar do Arraial D’ajuda porque não foi possível se casar, no entanto, ele não voltou para o povoado onde morava antes (Juacema), mas sim, para um local no qual sua irmã Indiara morava, bem próximo de Coroa Vermelha, onde atualmente é conhecido como “Reserva Indígena da Jaqueira”. Seu Itambé ficou morando na casa de sua irmã uns dois meses, até que um dia apareceu um velho amigo que se chamava “Manoel Siriri, já falecido, que o convidou para ir trabalhar com ele na fazenda, juntamente com dois Capitães da Marinha, “Mestre Didi e o Tenente Ribeiro,” que tomavam conta da área de Coroa Vermelha. Seu Itambé aceitou o convite e foi trabalhar nessa fazenda, estando cada dia mais próximo de realizar o seu grande sonho de conhecer e morar em Coroa Vermelha.

Ele ainda relata que ficou trabalhando na fazenda uns cinco meses, durante esse período, ele teve a oportunidade de conhecer a área de Coroa Vermelha mais de perto, e por estar certo de que esse era um Território Indígena, o seu Itambé queria muito permanecer nessa área, porém não mais como empregado, e sim como indígena em busca dos seus direitos e do reconhecimento daquela área. Seu Itambé saiu da fazenda e conseguiu uma lona (de plástico) com o objetivo de a partir daquele dia fazer um barraco para finalmente trazer a sua esposa e o seu filho primogênito Antônio Valério Silva Matos, que na época tinha seis meses de idade.

A vida de seu Itambé não foi fácil ao chegar a Coroa Vermelha, o mesmo conta que:

Quando eu cheguei aqui num tinha nada, única coisa que tinha aqui era muito mato aqui, ainda tinha igreja que foi rezada a primera missa no Brasil, era uma igreja pequena, mais tinha, acabou. Cobra tinha muito, mais benefício de ninguém num tinha aqui, num tinha casa, num tinha oca, num tinha nada. (SEU ITAMBÉ, 2015).

As lutas e persistências foram constantes para que Seu Itambé conseguisse permanecer na área de Coroa Vermelha. Em entrevista ele contou que teve que ir na cidade de Ilhéus, um município do extremo sul da Bahia, no qual moravam os responsáveis que tomavam conta da área da praia de Coroa Vermelha, os quais eram o Capitão da Marinha, Tenente, Coronel e Major, os mesmos não aceitavam que seu Itambé fizesse o seu barraco de lona naquela área, argumentando que a área onde o seu Itambé queria morar era uma área sob o domínio da União, e portanto ninguém poderia se apossar daquele espaço.

Depois de muita insistência da parte do seu Itambé, o Capitão Raimundo “convenceu” os demais capitães da Marinha a deixá-lo continuar no local, com a condição de que não poderia plantar nada que viesse usufruir, só poderia simplesmente morar. Mas, como o desejo do seu Itambé de morar em Coroa Vermelha era maior do que qualquer obstáculo, ele aceitou as exigências dadas por esses Capitães e passou a morar com a sua família. A partir daquele momento em que deixaram-no morar naquela área, a pressão em cima dele passou a ser constante por parte do próprio pessoal da Marinha, para ver se ele iria desistir. Ele chegou até desmanchar o seu barraco de lona por algumas vezes, mas percebeu que não valeria a pena desistir depois de tanto esforço e disse para a sua esposa a seguinte frase “Pra trás não volto, quem anda pra trás é caranguejo”.

Daquele dia em diante, seu Itambé passou a tomar posse daquela área, mesmo sabendo que os problemas iriam continuar. Quando finalmente conseguiu ficar na área de Coroa Vermelha, começou a reconstruir a sua vida junto com a sua família, e começou a produzir artesanatos para vender. Ele conta que no começo foi difícil porque só morava a família dele, até então não era um lugar conhecido pela as demais pessoas.

Depois que construíram a estrada que dava acesso de Porto Seguro a Santa Cruz Cabralia foi que Coroa Vermelha passou a ser visitada, tanto pelos turistas quanto pelos indígenas da região. Quando souberam que em Coroa Vermelha morava uma família indígena, os mesmos indígenas passaram a ir para Coroa Vermelha, e vendo que era um lugar turístico, a maioria dos indígenas gostaram do local e passaram a morar ali. Aos poucos Coroa Vermelha foi se desenvolvendo e chegando mais indígenas, segundo Seu Itambé e a Dona

Mirinha, eles não lembram de datas específicas sobre quando exatamente houve essas transformações.

Seu Itambé foi o primeiro cacique da Aldeia Coroa Vermelha. Quando outras famílias foram morar em Coroa Vermelha, ele ainda não era cacique, no entanto, já liderava a sua família. E com a chegada dessas famílias, ele sentiu-se no dever de ajudar essas famílias, acolhendo-as e tentando resolver as demandas que surgiam dentro da comunidade. Segundo Seu Itambé, quando algum indígena ficava doente ele era quem levava para o hospital, levava as grávidas para dar à luz, corria atrás de cestas básicas para a comunidade.

Quando viajava, conseguia bastante roupas e trazia para distribuir na comunidade. Quando retornava, Seu Itambé fazia uma reunião e depois distribuía as cestas para cada família. Era uma satisfação para ele poder ajudar a sua comunidade, porque, para ele, a função dos caciques é essa mesmo, de estar buscando melhorias e o bem estar para a comunidade.

O cacique ele é aquele home que se transforma numa aldeia como se fosse o prefeito da cidade, ele que sai pra procurar coisa boa pra trazer pra comunidade pra comunidade ficar feliz. Trás documento, vai pegar remédio, vai buscar roupa, vai pegar um alimento fora pra trazer pra dentro da Aldeia, esse é o trabalho do cacique, e vê o que tá acontecendo com a pessoa. (SEU ITAMBÉ, 2015).

Com os trabalhos prestados na comunidade, Seu Itambé foi conquistando a confiança e o respeito da maioria dos indígenas de Coroa Vermelha. Ele ficou aproximadamente uns dez anos na liderança como cacique, depois, alguns indígenas que eram contra a demarcação, conseguiram tirá-lo da posição de cacique e colocar outro em seu lugar, esses indígenas fizeram isso porque sabiam que ele como cacique ia continuar lutando pela demarcação da terra.

Depois de alguns anos, seu Itambé pelo amplo conhecimento que tem das ervas medicinais, se tornou Pajé da Aldeia Coroa Vermelha. Em uma das minhas entrevistas com ele, perguntei sobre qual é a função do Pajé, e ele me disse: “Pajé é como se fosse um médico da cidade grande, ele só faz aquilo que tá dentro da saúde”.(SEU ITAMBÉ, 2015).

Quando ele relata que o Pajé é como se fosse um médico da cidade grande, eu concordo, porque um Pajé é tão cheio de conhecimento quanto um médico. A maioria dos Pajés não tem formação escolar, mas consegue administrar a cura através de suas orações e do vínculo com a natureza.

Quando eu comecei essa luta, já tava com um ano que eu morava aqui foi quando comecei a correr atrás, eu fui três vez em Ilhéus porque o Capitão da

Marinha morava lá e eu queria morar aqui e o Capitão da Marinha e o pessoal da Marinha não aceitava que ninguém morasse aqui, eu tive que ir lá três vez, e a única pessoa que me deu apoio pra mim morar aqui, foi o Capitão Raimundo que na época ele era Tenente, já tava com seis mês de moradia por aqui, quando tava com um ano, eu comecei a correr atrás e o pessoal começou a chegar, aí chegou aqui; sua mãe mais o finado Manoel, fui buscar o meu pai, depois que os meus pais chegou aqui, eu fui pra Barra Veá casar. Quando vim do casamento lá de Barra Veá, aí já o meu pai tava aqui mais minha mãe, aí tomava conta da mulher com os minino, e eu comecei a correr pra Brasília pra levar esse conhecimento. (SEU ITAMBÉ, 2015).

Daquele dia em diante, o seu Itambé passou a tomar posse daquela área, mesmo sabendo que os problemas iriam continuar. Seu Itambé vive até hoje no mesmo local, onde há 44 anos atrás lutou com todas as suas forças para conquistá-lo.

3.2- A chegada de Dona Mirinha e sua vida em Coroa Vermelha.

A minha mãe Dona Mirinha relata que saiu de Juacema para morar em Coroa Vermelha, ainda na década de 70, depois que o seu irmão Itambé e os seus pais já estavam morando ali. A mesma chegou acompanhada do seu esposo Manoel Benfica Soares e do seu filho Gilson Matos Soares e também já veio de Juacema grávida de uma menina, que quando nasceu recebeu o nome Gilsa Matos Soares.

Dona Mirinha conta que quando chegou a Coroa Vermelha, já moravam seus familiares, seus pais e seu irmão Itambé. Naquela época, Coroa Vermelha tinha muito mato, mas já tinha construído a estrada que dava acesso a Porto Seguro e Santa Cruz Cabralia, porém, não tinha energia. Quando chegava à noite, a minha mãe conta que acendia um candeeiro para não ficarem na escuridão, (candeeiro é uma pequena lâmpada que fornece luz de pouca intensidade, composta de um reservatório para líquido combustível “azeite, querosene etc.”).

Quando ela e a sua família acordavam pela manhã, os seus narizes estavam pretos como se estivesse passado carvão, porque o candeeiro gerava muita fumaça, e essa fumaça acabava acumulando, fazendo com que os narizes ficassem pretos.

A minha mãe Mirinha e a sua família, quando precisava comprar comida, era preciso se deslocar até a cidade de Santa Cruz Cabralia, a oito quilômetros de Coroa Vermelha porque ainda não existia nenhum tipo de comércio.

A casa dela e de sua família era construída de taipa, (taipa é um tipo de material usado para construção de casas, pega-se barro molhado e amassado, depois esse barro é colocado no esqueleto da casa que é construído por varas de madeira, ou paus, dando formato a casa). Segundo Dona Mirinha, essas casas construídas de taipa duram aproximadamente uns dez anos, depois que completava dez anos, era preciso construir novamente. A minha mãe Mirinha só foi ter uma casa construída de alvenaria (casa de lajota), a partir do ano de 1998.

Como descrevi no Capítulo 1, o meio de subsistência da minha mãe Mirinha em Juacema era a agricultura, a sua família não tinha do que reclamar, tinha muita fartura. Entretanto, quando vieram para Coroa Vermelha, houve um estranhamento, porque a mesma família tinha que reconstruir a vida novamente. Coroa Vermelha tem um mar maravilhoso, onde podiam pescar para se alimentarem, mas precisavam do complemento que seria o feijão, o arroz, a farinha, dentre outros. Por isso, começaram a produzir artesanato.

Segundo Dona Mirinha, por ela e o meu tio Itambé saber que Coroa Vermelha é um lugar onde foi “descoberto” o Brasil, eles acreditavam que o lugar um dia poderia se tornar um lugar muito visitado pelos turistas, a partir daí, começaram a produzir artesanatos, iniciaram com a produção de colares de conchas da praia, colares de sementes, depois os arcos e flechas, cocares e tupsay (tangas). Seu Itambé, por ainda não ter barracas e lojas para expor os seus artesanatos, junto de minha mãe e demais irmãos, fixavam dois paus na areia da praia com uma distância de um metro um do outro, depois colocavam uma vara (pau) no meio desses dois paus e penduravam os artesanatos e ficavam na expectativa de aparecer algum turista para comprar os seus artesanatos. De fato, apareciam alguns que vinham caminhando pela praia, esses turistas ao ver de longe os artesanatos, ficavam curiosos e encostavam, o que achavam interessante compravam na mão do meu tio Itambé e de seus irmãos.

A experiência da produção e comercialização do artesanato para a minha mãe e família foi muito boa, através dele conseguiram manter o sustento. Depois foi chegando mais indígenas para morar em Coroa Vermelha e começaram também a produzir artesanatos e, com isso, hoje, o principal meio de subsistência das famílias indígenas da Aldeia Coroa Vermelha é o artesanato.

Capítulo 4 – A LUTA PELA DEMARCAÇÃO DO TERRITÓRIO DE COROA VERMELHA

Neste capítulo, apresento um pouco da luta de seu Itambé pela demarcação de Coroa Vermelha e a resistência de Dona Mirinha no território.

4.1 A luta de seu Itambé pela demarcação de Coroa Vermelha.

Seu Itambé chegou a Coroa Vermelha com o seu filho e sua esposa no ano de 1972, e com um ano depois foi que seu Itambé começou a lutar pelo reconhecimento do Território. Isso porque primeiro teve que enfrentar uma luta muito grande com o pessoal da Marinha, para permanecer na área na qual ele vive atualmente. Nessa época, o pessoal da Marinha não queria que ele morasse naquela área e depois que ele conseguiu ganhar essa luta, foi que começou a lutar pelo reconhecimento da área de Coroa Vermelha.

Sabemos que para alcançarmos os nossos objetivos na vida é preciso muita coragem e determinação, e com o seu Itambé não foi diferente. Desde que ele chegou em Coroa Vermelha e teve a certeza de que ali era um Território indígena, seu maior objetivo era lutar para que um dia ela fosse reconhecida como Aldeia e passasse a ser uma área demarcada e homologada como Terra indígena. Mas, foram muitos obstáculos que ele enfrentou durante muitos anos, para que o seu sonho se tornasse realidade:

Teve muito sofrimento, quase mim mataram aqui, tucaia demais pra mim matar por conta que eu quiria que isso aqui fosse Aldeia e depois ninguém quiria. Os meus próprios parentes mesmo não aceitava, eu quiria demarcação pra ser área indígena, os outro não aceitava” (SEU ITAMBÉ, 2015).

Naquela época, ainda não tinha muitos indígenas morando em Coroa Vermelha, mas seu Itambé queria levar o conhecimento para as instituições competentes sobre o Território de Coroa Vermelha. Sendo assim, seu Itambé viajou para Brasília e para Salvador; neste local ele encontrou com os antropólogos Augusto Laranjeira – mais conhecido como Guga, e Maria do Rosário, os mesmos pertenciam a Associação Nacional de Ação Indigenista (ANAI), seu Itambé contou ainda que foi a Salvador em busca de lutar pela demarcação de Coroa Vermelha. Os antropólogos Guga e Maria do Rosário deram apoio para seu Itambé, e disseram que podia contar com a ajuda deles nesse processo de encaminhamento na questão do Território.

Na volta dessa viagem para a sua aldeia, seu Itambé sabia que a sua luta só estava começando, sabia também que essa luta era de longo prazo, mas que um dia o seu sonho poderia ser alcançado. Porém não imaginava que essa luta, algumas das vezes, infelizmente, teria oposição dos próprios “parentes”.

Ao longo dos anos, com a chegada dos demais indígenas em Coroa Vermelha, a Aldeia foi crescendo e os problemas também foram surgindo. Naquela época, houve indígenas que tinha o pensamento ao contrário do pensamento de seu Itambé sobre a área de Coroa Vermelha. Alguns deles eram contra a demarcação da Aldeia, e fizeram o possível para atrapalhar o trabalho de seu Itambé. Nessa época tinha um homem não indígena que era casado com uma indígena, esse homem tentava convencer a todos de que com a terra demarcada seria ruim, porque a terra não poderia ser vendida. Ainda, eles falavam que não aceitariam que Coroa Vermelha fosse demarcada como Aldeia, porque sendo Aldeia, os mesmos iam ser mandados pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI), ou seja, eles perderiam o direito a “liberdade”, e no momento em que a terra fosse demarcada também iriam perder o poder de voz e quem ia dizer o que era permitido ou não ao índio fazer dentro da Aldeia seria a FUNAI.

Diante de toda essa situação, seu Itambé como cacique e fundador da Aldeia, tentava lutar com todas as suas forças junto com alguns indígenas que o apoiavam a favor da demarcação. Em entrevista, seu Itambé relatou que em um determinado dia viajou para uma reunião em Brasília e, quando voltou para a Aldeia, os indígenas que não queriam que Coroa Vermelha fosse demarcada fizeram um abaixo-assinado na própria Aldeia e conseguiram 150 assinaturas de indígenas contra a demarcação. Esse documento foi entregue ao Ministro da Justiça daquela época, Jarbas Passarinho.

Contudo, os antropólogos que ofereceram auxílio dizendo que seu Itambé podia contar com eles, souberam desse documento que foi enviado para o Ministro da Justiça e imediatamente enviaram uma carta para ele orientando-o a pedir apoio de outras Aldeias para ajudá-lo na luta pela demarcação, senão ele poderia perder a força.

Seu Itambé conta que se sentiu muito mal naquela época por saber que o próprio indígena estava lutando contra algo que sabemos que é de direito nosso, que é a terra, e que tem um valor muito relevante para nós. Ele queria que esses indígenas pudessem perceber o equívoco que estariam cometendo, por isso, foi até o fim: que, para ele, seria a terra demarcada. Foi preciso que seu Itambé viajasse para outras Aldeias em busca de apoio; ele percorreu quatro Aldeias e, em cada uma delas, foi muito bem recebido pela comunidade,

sendo elas: Aldeia Trevo do Parque, Aldeia Imbiriba, Parque Nacional (Aldeia Boca da Mata) e Aldeia Mata Medonha.

Mandei Zeca meu filho, procurar aí dentro, Zeca vigia se alguém quer Coroa Vermelha como Aldea, que eu vou correr atrás, aí Zeca correu atrás, chegou aí, topou 75 assinatura de gente que queria como Aldea. Aí eu peguei fui atrás, saí daqui e fui pra o Trevo do Parque, levei a carta e Benedito (Xarrú) que era o cacique lá, botou a turma dele todinha no meu caderno e assinou 51 pessoa, eu já tinha 75 com mais 51. De lá, eu fui pro Parque Nacional onde tá Mané Santana, Mané Santana pegou assinatura dos outros índios que ele tinha lá, só lá em Boca da Mata eu adquiri 285 assinatura. Aí fui pra Imbiriba, peguei mais 51 assinatura, aí fui pra Mata Medonha, peguei mais 14 família, eu sei que que adquiri quase 500 assinatura que queria isso aqui como Aldea. (SEU ITAMBÉ, 2015).

Esse documento seu Itambé levou pessoalmente em Brasília para o Ministro da Justiça Jarbas Passarinho e, naquele momento, ele lhe informou que já tinha outro documento que alguns indígenas de Coroa Vermelha tinham levado para ele pedindo para que não demarcasse a terra de Coroa Vermelha. Seu Itambé disse que de fato já sabia dessa informação, por isso ele estava ali com outro documento no qual constava aproximadamente 500 assinaturas de indígenas que eram a favor da demarcação, em contraste com as 150 dos que eram contra. A única coisa que seu Itambé queria naquele momento era uma resposta do Ministro da Justiça, mas, ele falou para seu Itambé que infelizmente o seu pedido no momento não ia ser realizado, e as documentações que Seu Itambé lhe entregou iriam ficar paradas enquanto os indígenas da Aldeia Coroa Vermelha não se unissem, porque ele não conseguia entender o porquê de ter indígena contra a demarcação de sua própria terra.

Ainda tomei na cara, porque o Ministro da Justiça falou assim; olha seu Itambé, os indígena que trouxe o documento, mostra aqui 150 índio que não aceita Coroa Vermelha como área indígena. O senhor que não é o cacique, o senhor tem quais 500 assinatura que todo mundo aceita Coroa Vermelha como área indígena, quem devia ser o cacique era o senhor. Em todo caso, eu não vou fazer nada, mas vai ficar aqui parado, quando vocês se unir, Coroa Vermelha vai ser Aldea, agora enquanto não se unir, fica parado aqui, só vai resolver depois que todo mundo tiver unido pra ser Aldea. (SEU ITAMBÉ, 2015).

4.2 A resistência de dona Mirinha em Coroa Vermelha

A luta de minha mãe Mirinha pela área de Coroa Vermelha começou assim que ela foi para lá na década de 1970. Desde que chegou continuou ajudando o irmão Itambé nas questões que se referiam à demarcação da Terra de Coroa Vermelha. Insistiu a permanecer no local onde vive atualmente, resistindo na luta que se estendeu até o ano de 1999, aproximando-se das “festas” comemorativas oficiais dos 500 anos.

Quando a minha mãe chegou a Coroa Vermelha, também por acreditar que ali era um Território indígena, se juntou a seu Itambé em busca do reconhecimento da terra de Coroa Vermelha, viajando várias vezes para Brasília em companhia de seu irmão. Deixava seus filhos, meus dois irmãos, com o meu pai e partia para a luta, tentando encaminhar documentos para o Presidente da FUNAI. Nessas viagens eles ficavam em média quinze dias, chegando ficar até um mês longe de casa. Depois de algum tempo, a minha mãe passou a ficar mais em casa do que viajando com o meu tio Itambé, porque ela precisava cuidar dos filhos que ainda estavam pequenos.

Ela ainda conta que a luta dela pela área onde vive atualmente, deu início na época em que o “Alcides Lacerda” se tornou prefeito da cidade de Santa Cruz Cabrália (no período de 1971-1974). Nesse período, ele vendeu a terra de Coroa Vermelha sem que os indígenas soubessem para uma firma que se chamava Centauro, cujo dono se chamava Arquimédio. Como a terra ainda não era demarcada, o prefeito achou-se no direito de vendê-la. Segundo minha mãe Mirinha, nessa época já existia alguns moradores não indígenas que viviam ao entorno de Coroa Vermelha, que fazia parte da cidade de Santa Cruz Cabrália. Com a venda, esses moradores não indígenas foram indenizados, mas a empresa queria que nós indígenas desocupássemos nossa terra sem direito a nada.

Segundo minha mãe, só quem não quis sair de Coroa Vermelha nessa época, foi ela e o irmão dela Itambé, e os demais indígenas saíram porque ficaram com medo de serem ameaçados pelo dono empresa. Diante de toda essa situação, os funcionários dessa empresa, começaram a medir e cercar a área de Coroa Vermelha, começando pelo terreno da minha mãe. Enquanto os funcionários da empresa iam cercando o terreno, a minha mãe Mirinha imediatamente ia retirando as cercas que eram colocadas, essas cercas eram feitas de madeiras grossas e arames farpados, que na região da Bahia, denominamos essas cercas de “estacas.”

Há diferenças quanto a força física entre homens e mulheres, ainda mais quando isso é representado por uma diferença numérica entre funcionários e uma mulher. Ela sozinha ia retirando essas estacas que eram recolocadas por esses funcionários. Isso deve ter sido um desgaste físico e emocional enorme.

Quando perceberam que a minha mãe não ia abrir mão daquela área, no dia seguinte a empresa decidiu retirá-la à força, exigindo que desocupasse a casa onde ela morava com a sua família. Os funcionários da firma Centauro usaram trator para fazer a demolição da casa da minha mãe. Quando chegaram ao terreno dela viram algumas plantações no local (eram plantações de mandioca), os funcionários perguntaram como iam fazer? Interessante, que logo no primeiro momento, os mesmos funcionários não se preocuparam com a vida da minha mãe e de sua família, mas sim, com as plantações que havia no terreno dela. Isso demonstra a preocupação material, não com a vida e dignidade humana. Foram momentos muito difíceis, mas ela resistiu a todos esses obstáculos e com todas as suas forças para não ter que sair do local onde ela viveu e ainda vive com a sua família atualmente.

A minha mãe conta que mesmo sabendo do risco de vida que ela estava correndo naquele momento, não abriria mão da sua casa, do local onde morava com a sua família. Assim, pegou seus filhos e ficou com eles na frente da casa, e disse para os funcionários: “Vocês é quem sabe! Porque eu não tenho para onde ir, o que eu tenho é isso aqui, se vocês acha que deve passar o trator em cima de mim, então vocês pode passar, porque eu prefiro morrer no que é meu do que morrer no que é dos outro.” (DONA MIRINHA, 2015).

Os funcionários ficaram comovidos com aquela situação e com a coragem da minha e disseram que preferiam ser demitidos da firma a cometer um homicídio com uma família que só queria o direito de viver com os seus filhos numa área a qual eles sabiam que lhes pertencia.

A partir desse dia, a firma Centauro deixou a minha mãe de lado, porém, ainda assim não foi possível a ela estar em paz, porque essa mesma empresa começou a medir a outra parte da área de Coroa Vermelha e, com isso, por ver os seus parentes também sendo forçados a sair da área onde estavam morando, ela continuou sua resistência.

Entretanto a empresa Centauro não conseguiu tirar a minha mãe e nem esses outros indígenas da área de Coroa Vermelha, porque o meu tio Itambé foi procurar as devidas providências em Brasília; e enquanto o mesmo estava lá, a medição que a firma estava fazendo na área de Coroa Vermelha foi cancelada e a minha mãe pode se tranquilizar por um momento.

E assim a minha mãe vem vivendo durante muitos anos, enfrentando um obstáculo aqui outro ali, tentando ser forte na medida do possível, porém conseguindo vencer todos esses obstáculos que surgiam ao longo da vida. Ela conta que tinha noites que não conseguia dormir, não conseguia comer, preocupada com o que poderia acontecer mais à frente com a sua família, devido às perseguições que eram constantes.

Depois de alguns anos, outro prefeito de Santa Cruz Cabralia, Filó Gomes, foi à Aldeia Coroa Vermelha e fez uma reunião com todos os indígenas e disse para eles que tinha trazido um “presente” de Brasília. Segundo a minha mãe Mirinha, ela desconfiou desse presente e disse para o prefeito que não estava interessada, porque sabia que não seria coisa boa, mas o prefeito podia falar qual era.

O prefeito falou para os indígenas que a partir daquele dia estaria fazendo um documento do terreno para entregar para cada um dos indígenas e que iria ser muito bom, porque com esse documento em mãos ninguém poderia tirá-los de sua terra, mas os indígenas teriam que pagar todo mês uma taxa à prefeitura. Os indígenas naquela época acharam que era uma proposta boa e aceitaram fazer o documento de seus terrenos e, quando chegou à vez da minha mãe Mirinha dar a sua opinião quanto a esse documento, ela disse que não estava de acordo em ter um documento do terreno nesses termos.

O prefeito ficou muito chateado, porque até então ele achava que todos iriam aceitar a sua proposta, ou seja, achava que iria conseguir enganar todos aqueles indígenas e como a minha mãe não aceitou, ele foi embora com os nomes das pessoas que aceitaram o documento. Entretanto, logo chegou ao conhecimento da FUNAI que ordenou ao prefeito Filó Gomes cancelar todos esses documentos.

Alguns indígenas ficaram com raiva da minha mãe por alguns dias, porque acharam que a culpa foi da minha mãe por não terem conseguido o documento de seus terrenos. Sobretudo, ela não aceitou a proposta desse prefeito porque ela sabia que o prefeito Filó Gomes não queria simplesmente beneficiar os indígenas, mas sim ser beneficiado às custas dos mesmos com a taxa mensal que os indígenas pagariam à prefeitura.

De fato, a maioria das pessoas não indígenas acha que nós indígenas somos pessoas bobas e que podemos ser enganados facilmente, mas não é bem assim, ao longo dos anos fomos e somos alvos de preconceitos, de violações dos nossos direitos e com tudo isso é preciso estarmos atentos a todos os instantes quando se trata de nossos direitos.

A minha mãe Mirinha, desde que chegou a Coroa Vermelha, passou por períodos muito difíceis, e o período que mencionarei abaixo, acredito que foi, dentre tantos existentes,

um dos piores que aconteceu em toda sua vida, porque ela já estava com 55 anos de idade, e suas forças já não eram mais as mesmas de vinte anos atrás.

Em seu livro “Lições de Abril”, César (2011) descreve que, no dia 22 de abril de 1996, o Presidente da República Fernando Henrique Cardoso decretou o Projeto Museu Aberto do Descobrimento (MADE), cujo objetivo era a “valorização” das terras dessa região (Bahia), direcionado ao turismo de alto poder aquisitivo, no entanto, desvalorizando as populações indígenas, principalmente as populações indígenas do extremo sul da Bahia onde o Projeto MADE seria implantado.

Com as obras previstas pelo MADE, estaria também incluso a construção do Mini Parque de Coroa Vermelha. Depois de muitas demandas, esse Mini Parque foi denominado de Memorial do Encontro, cujo Projeto foi assinado pelo arquiteto Wilson Reis Netto. Nele haveria um conjunto de obras construídas com quatro elementos, dentre os quais seria: “o terreiro da Cruz” (uma plataforma no meio do mar) sobre a coroa arenosa e recifes de coral, com um cruzeiro iluminado artificialmente à noite, que seria interligado a terra indígena de Coroa Vermelha por uma Passarela elevada de cimento e pedras; uma taba semelhante às habitações Kamayurá do Xingu e a última construção seria o Museu do Encontro, que iria abrigar as réplicas das caravelas e outras peças históricas.

Segundo César (2011), a coordenação que ficaria a cargo do Projeto Museu Aberto do Descobrimento seriam os três ministérios: da Justiça, do Meio Ambiente e do Turismo. Entretanto, no final a coordenação foi posta de lado e o governo assumiu a implantação das obras, tendo à frente o Ministério do Turismo sendo nomeado como assessor responsável para acompanhar a obra do Museu Aberto do Descobrimento, Ivo Mendes e alguns técnicos da Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia (Conder), empresa vinculada ao Governo do Estado da Bahia.

Para construir esse MADE, era preciso retirar os moradores do local e colocá-los em outra área e, a partir do ano de 1999, recomeçou a luta da minha mãe Mirinha para permanecer na mesma área onde há muitos anos atrás ela havia iniciado a luta para ficar.

O governo da Bahia começou indenizar todos os indígenas que moravam na área na qual ia construir o MADE, muitos indígenas foram indenizados por um valor muito insignificante, mesmo sem querer sair, saíram achando que com aquele dinheiro poderiam reconstruir suas vidas, mas foi um engano. O governo construiu outras casas padronizadas da forma que achou que deveria ser e esses indígenas tiveram que se adaptar a uma nova realidade totalmente diferente das que viviam anteriormente.

A minha mãe Mirinha e mais cinco famílias persistiram e não quiseram sair do local, contudo, o governo deixou de lado as cinco famílias que não quiseram sair, não deixando minha mãe em paz, tentou de todas as formas tirá-la do local onde ela construiu a sua vida, criou os seus filhos, viu os seus netos nascerem, ou seja, acompanhou a vida da sua família durante trinta e sete anos.

O responsável pelas obras, Ivo Mendes, queria que a minha mãe saísse daquela área, porque a intenção do governo era de construir o “Shopping Indígena” no mesmo local onde é a casa da minha mãe, porque o terreno da minha mãe é muito grande e de fácil acesso para quem chega a Coroa Vermelha. E nesse processo de retirada dos moradores de Coroa Vermelha, o governo tinha pressa e queria ver a área desocupada o mais rápido possível.

Como o governo estava mais interessado na área da minha mãe para poder começar a construção das obras, portanto, o “ problema era a minha mãe”, e com isso o Doutor Ivo, como gosta de ser tratado, começou a visitar a casa da minha mãe todos os dias, digamos que o café da manhã da minha mãe era a “visita desagradável” do Doutor Ivo tentando convencer a mesma a sair do local.

Eles queria mim tirar, porque eles fizeram o projeto de fazer o shopping onde nesse lugar que eu moro e o museu onde é o shopping hoje, mais ele fez o projeto deles lá e não mim falaram nada. Aí quando eles vieram e que quiria mim tirar eu falei que não saia, eles disse, não mais o shopping tá no projeto aqui nesse local, e aí como é que nois vai fazer ? Eu falei, é problema de vocês, porque eu não saio daqui, vocês não mim falou nada, aqui não é de vocês, é meu, portanto eu não saio daqui. Eles falou, mais todo mundo combinou de sair daqui, eu falei, é problema de quem combinou, eu que não combinei. Eles falaram que eu pidisse quanto eu quisesse que eles dava, aí eu falei pra eles não, o meu não tem preço. Eles falou, porque não tem preço? Eu disse, porque eu não tenho pra vender, eles disse, pode pedir quanto a senhora pedir eu dou. Se a senhora não quiser sair pra não ficar um parente prum canto e outro pra outro, eu faço uma avenida de casa só da sua família, a senhora pode pedir quanto a senhora quiser que eu dou. Tem muitas pessoa que falou assim, vende pelo um bom dinheiro e vai viver noutro canto, eu falei, um bom dinheiro não mim interessa, só mim interessa minha moradia aqui num meu canto, eu lutei tanto, briguei tanto pra conseguir isso aqui, agora eu vou pegar e vou dar de mão beijada pra quem não é dono. (DONA MIRINHA, 2016).

Com propostas tentadoras, oferecendo-lhe dinheiros, deixando a critério da minha mãe definir o valor que ela gostaria de receber para desocupar a área, também a convidou para visitar algumas casas ao entorno de Coroa Vermelha e as melhores casas que agradasse a minha mãe, dizendo que compraria para ela e também compraria casas para os filhos dela, mas nenhuma dessas propostas a convenceu, porque a minha mãe Mirinha quanto indígena,

sabe o quanto a “terra” é relevante para nós indígenas e que dinheiro nenhum pode comprar. Diante de tanta luta minha mãe venceu mais uma batalha resistindo no mesmo lugar.

4.3 Dona Mirinha e Seu Itambé juntos na luta pela terra

Como dissemos, Seu Itambé se revoltou com toda a situação que eles se encontravam, por saber que a terra a qual pertencia aos indígenas tinha sido vendida sem que eles soubessem. Assim, Itambé viajou para Brasília, ficou trinta dias lá, em reuniões com o Presidente da FUNAI, tentando resolver a questão do território, até que conseguiu trazer de Brasília uma equipe especializada para, juntamente com os indígenas, começar a fazer a medição da terra. Quando Itambé e a equipe do governo chegou em Coroa Vermelha, Seu Itambé fez uma reunião com todos os indígenas para informá-los sobre as decisões que foram tomadas em Brasília e para apresentar a equipe que veio com ele para medir a área de Coroa Vermelha.

No dia seguinte, Itambé, o cacique e os outros indígenas foram para a mata para começar a fazer a medição da terra. O objetivo era medir o território: do rio dos mangues, até chegar à praia dos lençóis, onde atualmente é conhecido como Nova Cabralia, um bairro de Santa Cruz Cabralia. No entanto, quando faltava um dia para terminar a medição, o cacique reuniu com alguns indígenas e chamou Seu Itambé para lhe comunicar que não queria mais que a terra fosse demarcada, “porque o índio precisava de viver a vontade”.

O cacique havia mudado de ideia, Dona Mirinha conta que ele foi convencido por um homem, que nessa época era casado com uma indígena, a voltar atrás e não querer mais a demarcação da terra de Coroa Vermelha. Esse homem trabalhava para a empresa que tinha comprado a área de Coroa Vermelha e, além do cacique, convenceu os demais indígenas de que não valeria a pena se a terra fosse demarcada. A partir daquele dia a medição foi cancelada. No entanto, Seu Itambé e Dona Mirinha e os outros indígenas que queriam a terra demarcada, tiveram que começar a fazer reuniões novamente na Aldeia para ver que tipo de solução poderiam tomar. Quando a firma soube que a medição tinha sido cancelada, acharam-se no direito de dar continuidade à demolição das casas que ainda restavam.

Essas lutas são parte da história da demarcação da terra indígena de Coroa Vermelha. Dona Mirinha lembra que a primeira viagem que fez em busca pelo reconhecimento da terra foi para Brasília, junto com o irmão, Seu Itambé. Eles foram ao encontro do Presidente da FUNAI com o objetivo de levar um documento solicitando a demarcação do território de

Coroa Vermelha. Ela conta que começou a viajar para Brasília junto de Itambé “nessa época, o presidente disse que não ia receber índio, que não queria demarcar terra, aí nós reunimos dessa vez um grupo de cacique e tiramos ele do gabinete”. (DONA MIRINHA, 2015). Segundo ela, os caciques e lideranças se reuniram e fizeram um documento pedindo a demissão desse presidente da FUNAI, e, antes dessas lideranças voltarem de Brasília, eles conseguiram sua demissão, fato de consequência política importante para a luta e resistência do indígena.

Capítulo 5 – A DEMARCAÇÃO DO TERRITÓRIO DE COROA VERMELHA E A PARTICIPAÇÃO DE DONA MIRINHA E SEU ITAMBÉ

Neste último capítulo, abordo a história da participação de Seu Itambé e de Dona Mirinha no processo da demarcação da Aldeia Coroa Vermelha e finalizo o mesmo capítulo relatando sobre o ano em que Coroa Vermelha foi finalmente demarcada e homologada como Terra Indígena.

É importante ressaltar que a minha mãe Mirinha, mesmo em alguns momentos não podendo estar presente nas viagens que o meu tio Itambé fazia em busca de apoio à demarcação – devido à mesma estar com filhos pequenos e os mesmos dependiam muito dela –, ela ficava por dentro dos acontecimentos dessas viagens; torcendo para que o meu tio Itambé retornasse trazendo boas notícias sobre a questão da área de Coroa Vermelha.

Considero que a luta pela demarcação da terra de Coroa Vermelha inicia-se a partir do ano de 1972, quando seu Itambé e sua família chegaram a Coroa Vermelha. Contudo, segundo o cacique Zeca Pataxó, o processo pela demarcação começou definitivamente no ano de 1994. E no dia 08 de agosto de 1995 em Brasília, saiu a Portaria de nº 860/PRES/95 que resolve:

Art. 1º Designar os técnicos José Augusto Sampaio, Antropólogo, da Universidade Federal da Bahia, José Aparecido Donizetti Briner, Engenheiro Agrimensor, FUNAI; Francisco Nogueira Lima, Técnico Agrícola, FUNAI; e Ismar Galvão Nogueira, Engenheiro Agrimensor do Instituto de Terras da Bahia – INTERBA. Esses técnicos foram designados a se deslocarem para o município de Santa Cruz Cabralia, Estado da Bahia, para procederem a identificação da Terra Indígena de Coroa Vermelha, ocupada por comunidades Pataxó, e jurisdicionada à Administração Regional da FUNAI em Eunápolis – BA.

Art. 2º O Grupo Técnico será coordenado pela Antropóloga Isa Maria Pacheco, Diretora de Assuntos Fundiários.

Art. 3º Estabelecer o prazo de 08 (oito dias) para a execução dos trabalhos de campo para a elaboração do relatório conclusivo, a contar do dia 14 de agosto de 1995.

O sonho do meu tio Itambé e da minha mãe Mirinha de um dia ver a terra de Coroa Vermelha demarcada como área indígena não foi fácil, demorou mais de vinte anos para que esse sonho se realizasse, por meio de luta, de resistência. Durante esse período, a Aldeia passou por várias lideranças indígenas, mas o meu tio Itambé e a minha mãe Mirinha, mesmo não estando diretamente à frente, continuaram acompanhando o processo da demarcação, não mais em viagens para Brasília como faziam antes, devido ao cansaço físico, mas através de

Considerações Finais

A história da participação de seu Itambé e de dona Mirinha no processo da demarcação se deu desde que os mesmos decidiram definitivamente ir morar em Coroa Vermelha com a sua família na década de 1970. Eles foram para Coroa Vermelha já sabendo através de seus pais que esse era um Território Indígena. A partir daí, começaram a lutar pelo reconhecimento do Território, mesmo sabendo que não ia ser fácil, que uma terra indígena não se conquista de um dia para o outro, e que esse processo da demarcação seria um processo lento e sofrido. Como observado no relato, Seu Itambé teve que enfrentar inclusive uma situação muito constrangedora, em que foi preciso debater com os próprios “parentes indígenas” que não concordavam com a demarcação da terra.

Dona Mirinha, por sua vez, é considerada uma das lideranças mais velhas da Aldeia Coroa Vermelha, tem uma trajetória de vida muito relevante, através de suas lutas pelo espaço onde vive atualmente, e também por fazer parte das lutas com o Pajé Itambé, apoiando-o diretamente durante todo o processo pela conquista do Território. Atualmente dona Mirinha vive com os seus filhos e familiares, na mesma Aldeia Coroa Vermelha. Ela não participa mais efetivamente de eventos na Aldeia, devido à idade em que se encontra e por alguns problemas de saúde que surgiram ao longo dos anos. No entanto, continua com o mesmo espírito de guerreira, mesmo sem poder estar junto fisicamente nas lutas com o seu povo, ela sempre está disponível para contribuir com a Aldeia, passando os seus conhecimentos e incentivando-nos – filhos, netos e parentes, demais indígenas, que a procuram como uma fonte de conhecimento –, a lutar pelos nossos direitos. Dona Mirinha também fala sobre a importância de valorizar e preservar a nossa cultura, e sempre em suas conversas sobre as lutas e conquistas na Aldeia, deixa visível o quanto é importante cultivar o respeito para com os nossos mais velhos.

Seu Itambé encontra-se com uma farmácia de ervas medicinais na Praça do Cruzeiro, onde foi celebrada a primeira missa no Brasil. Muitas pessoas podem até estranhar quando sabem que o Pajé Itambé tem uma farmácia de ervas medicinais, na qual comercializa suas ervas medicinais. Mas não há motivo para estranhamento, Seu Itambé sempre irá ser Pajé, seus conhecimentos sempre irão segui-los. Seu Itambé se sente muito feliz em poder trabalhar com o que ele gosta de fazer. Acredito que o desejo dele era de atender a comunidade como Pajé, no entanto, Coroa Vermelha foi crescendo e começou a ter assistência médica e a comunidade raramente procura os remédios tradicionais que seu Itambé produz. A farmácia

de ervas medicinais de seu Itambé faz tanto sucesso, que passou a ser visitada durante todos os anos por turistas do Brasil e até mesmo do exterior.

Ao final desta pesquisa realizada, percebi a importância de registrar na minha Aldeia Coroa Vermelha as histórias e memórias desses dois anciãos, Seu Itambé e Dona Mirinha, para que as futuras gerações possam ter acesso a essas histórias e memórias.

Referências

- CÉSAR, América Lúcia Silva. *Lições de Abril: a construção da autoria entre os Pataxó de Coroa Vermelha*. Salvador: EDUFBA, 2011.
- COSTA DO DESCOBRIMENTO. Disponível em: < <http://www.bahia.ws/fotos/mapas/mapa-porto-seguro.jpg>>. Acesso em 2015.
- DONA MIRINHA [Josefina do Espírito Santo Matos]. História de vida e resistência. Santa Cruz Cabrália, BA: Coroa Vermelha, 2015. Entrevista concedida à Zilda Matos Soares.
- FUNAI. Portaria de nº 860/PRES/95. Documento anexado a este trabalho.
- MATOS, Raissa. Capela construída no local em que foi celebrada a 1º missa no Brasil. Fotografia. Color., 2016.
- MATOS, Raissa. Cruz de Madeira. Fotografia. Color., 2016.
- MATOS, Raissa. Dona Mirinha, 2016. Fotografia. Color., 2016.
- MATOS, Raissa. Escola Estadual Indígena Coroa Vermelha. Fotografia. Color., 2016.
- MATOS, Raissa. Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha. Fotografia. Color., 2016.
- MATOS, Raissa. Escritórios de atendimento Comunitário Indígena. Fotografia. Color., 2015.
- MATOS, Raissa. Monumento em Coroa Vermelha. Fotografia. Color., 2016.
- MATOS, Raissa. Museu Indígena, à esquerda, e Comércio Indígena. Fotografia. Color., 2016.
- MATOS, Raissa. Passarela Indígena. Fotografia. Color., 2016.
- MATOS, Raissa. Posto de Atendimento a Saúde Indígena. Fotografia. Color., 2016.
- MATOS, Raissa. Seu Itambé, 2016. Fotografia. Color., 2016.
- MATOS, Zilda. Panela de barro “Tibirimã”. Fotografia. Color., 2016.
- SEU ITAMBÉ [Alberto do Espírito Santo Matos]. História de vida e resistência. Santa Cruz Cabrália, BA: Coroa Vermelha, 2015. Entrevista concedida à Zilda Matos Soares.
- ZECA PATAXÓ [José Valério Silva Matos]. Informações sobre a demarcação. Santa Cruz Cabrália, BA: Aldeia Coroa Vermelha, 2015.

Anexos



Fundação Nacional do Índio
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

PORTARIA Nº 860/PRES/95

Brasília, 08 de agosto de 1995

O PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo Estatuto aprovado pelo Decreto nº 564, de 8 de junho de 1992, e considerando o teor do Processo FUNAI/ESIL/1079/79,

RESOLVE:

Art. 1º Designar os técnicos JOSÉ AUGUSTO SAMPANO, Antropólogo, da Universidade Estadual da Bahia; JOSÉ APARECIDO DONIZETTI BRNER, Engenheiro Agrônomo, FUNAI; FRANCISCO NOGUEIRA LIMA, Técnico Agrícola, FUNAI, e ESMAR GALVÃO NOGUEIRA, Engenheiro Agrônomo do Instituto de Terras da Bahia - INTERBA - para que se desloquem ao município de Santa Cruz Cabrália, Estado da Bahia, para procederem a identificação e delimitação da Terra Indígena COROA VERMELHA, ocupada por comunidades PATAXÓ, e jurisdicionada à Administração Regional da FUNAI em Espírito Santo do Ilhéu - BA.

Art. 2º O Grupo Técnico será coordenado pela Antropóloga ISA MARIA PACHECO, Diretora de Assuntos Fundiários.

Art. 3º Estabelecer o prazo de 08 (oito) dias para a execução dos trabalhos de campo e 45 dias para a elaboração do relatório conclusivo, a contar do dia 14 de agosto de 1995.

Art. 4º Esta Portaria entrará em vigor na data de sua publicação.


DENARTE NOBRE DE MADEIRO
Presidente da FUNAI



**Senado Federal**
Subsecretaria de Informações

Data	Link
09/07/1998	Referência

DECRETO DE 9 DE JULHO DE 1998

Homologa a demarcação administrativa da Terra Indígena Coroa Vermelha, localizada nos Municípios de Porto Seguro e Santa Cruz Cabrália, Estado da Bahia.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, inciso IV, da Constituição, e tendo em vista o art. 19, § 1º, da Lei nº 6.001, de 19 de dezembro de 1973, e o art. 5º do Decreto nº 1.775, de 8 de janeiro de 1996,

DECRETA:

Art 1º Fica homologada a demarcação administrativa, promovida pela Fundação Nacional do Índio - FUNAI, da terra indígena destinada à posse permanente do grupo indígena Pataxó, a seguir descrita:

a Terra Indígena denominada COROA VERMELHA, com superfície de um mil, quatrocentos e noventa e três hectares, noventa e nove ares e quarenta e um centiares e perímetro de vinte e cinco mil, trezentos e trinta e um metros e vinte e sete centímetros, situada nos Municípios de Porto Seguro e Santa Cruz Cabrália, Estado da Bahia, circunscreve-se aos seguintes limites: GLEBA A - superfície: 77,2140 ha (sessenta e sete hectares, vinte e um ares e quarenta centiares) e perímetro: 7.183,48 m (sete mil, cento e oitenta e três metros e quarenta e oito centímetros). NORTE: partindo do Marco M-01, de coordenadas geográficas geodésicas 16°19'35,6566" S e 39°01'13,4320" WGr, localizado na interseção da faixa de domínio da Rodovia BR-367 com o rio Mutari; segue por este, a jusante, até uma curva à direita, no Ponto P-01, de coordenadas geográficas geodésicas 16°19'33,2779" S e 39°01'07,6940" WGr, daí, segue por uma linha reta, com azimute e distância planos 27°02'12,2" e 11,36 metros, até o Marco M-02, de coordenadas geográficas geodésicas 16°19'32,9485" S e 39°01'07,5198" WGr, localizado na orla marítima; LESTE: do marco antes descrito, segue pela orla marítima, sentido Ponta do Mutá e Ponta Grande, até o Marco M-03, de coordenadas geográficas geodésicas 16°20'41,4638" S e 39°00'29,5339" WGr., localizado na divisa dos municípios de Santa Cruz Cabrália e Porto Seguro. SUL: Do marco antes descrito, segue por uma linha reta, na divisa dos citados municípios, com azimute e distância planos 309°48'25,6" e 28,27 metros, até o Marco M-04, de coordenadas geográficas geodésicas 16°20'40,8747" S e 39°00'30,2680" WGr., localizado na faixa de domínio da Rodovia BR-367, lado direito, sentido Porto Seguro/Santa Cruz Cabrália; OESTE: do marco antes descrito, segue pela faixa de domínio, no sentido de Santa Cruz Cabrália, passando pelo acesso à Coroa Vermelha, até o Marco M-05, de coordenadas geográficas geodésicas 16°20'06,0605" S e 39°00'37,3712" WGr., localizado na interseção da citada faixa com o prolongamento da linha divisória entre os lotes 09, 10, e 42, da quadra "A" do loteamento Coroa Vermelha, Aldeia Nina; daí, segue pela citada linha, com azimute e distância planos 12°56'57,2" e 123,09 metros, até o Marco M-06, de coordenadas geográficas geodésicas 16°20'02,1566" S e 39°00'36,4413" WGr.; daí, segue pela Rua Quilha de Prata, junto a Praça da Calmaria, com azimute e distância planos 279°21'11,6" e 36,09 metros até o Marco M-07, de coordenadas geográficas geodésicas 16°20'01,9656" S e 39°00'37,6417" WGr.; daí, segue contornando a referida praça, com azimute e distância planos 05°10'59,8" e 102,57 metros, até encontrar a linha divisória dos lotes 01 e 16 da quadra "B" do mencionado loteamento, chegando ao Marco M-08, de coordenadas geográficas geodésicas 16°19'58,6414" S e 39°00'37,3292" WGr.; daí,

<http://wwwt.senado.gov.br/servlets/NJUR.Filtro?tipo=DEC&secao=NJUILEGB.../nph-brs.ex> 10/01/02

Pellegrini e Lítio Santana e irmãos; deste, segue por uma linha reta, com azimute e distância planos $05^{\circ}32'31,7''$ e 1.252,07 metros, até o Marco M-11, de coordenadas geográficas geodésicas $16^{\circ}21'20,0280''$ S e $39^{\circ}03'54,9504''$ WGr., localizado em um mourão, canto de cerca, nas proximidades da margem direita do rio Jardim; daí, segue pela citada cerca, com azimute e distância planos $349^{\circ}39'29,7''$ e 2.969,15 metros, passando pelo rio Jardim, confrontando-se com as terras dos Srs. Lítio Santana e irmãos, Hélio Vaz Cedro e Paulo Rocha, até o Marco M-01, início da descrição deste perímetro. A base cartográfica utilizada refere-se às folhas: SE.24-V-B - III - Escala 1:100.000 - SUDENE - 1977.

Art 2º A Terra Indígena Coroa Vermelha incide na área delimitada pelo Decreto nº 1.874, de 22 de abril de 1996, denominada Museu Aberto do Descobrimento, correspondente à primeira descrição geográfica do Brasil.

Art 3º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.
Brasília, 9 de julho de 1998; 177º da Independência e 110º da República.

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO
Renan Calheiros

